

Surgem novos e temíveis competidores dos nossos cafeicultores

O fantasma dos cafés africanos — A posição dos cafés brasileiros

Os centros de consumo em todo o mundo deram suas preferências para os cafés de boa qualidade e a conquista de novos mercados só com essa arma se tornará efetiva. O Brasil terá de enfrentar seus concorrentes num mesmo plano de igualdade: produto melhor a preço menor.

Os produtores centro e latino-americanos, nossos tradicionais concorrentes no grande mercado norte-americano, a cada ano aumentam suas vendas, em escala muito superior à nossa. É um fato que está conduzindo o governo brasileiro e os nossos cafeicultores a essa preocupação máxima de produzir cafés finos, pois é com cafés de qualidade superior que vimos sendo paulatinamente afastados dos maiores e mais exigentes consumidores.

Reflexo dessa profunda preocupação tem sido o esforço do Instituto Brasileiro do Café ao desenhar a campanha pela melhoria de nossa produção cafeeira e pela implantação de novos métodos de cultura, colheita e tratamento do produto. Resultado ainda desse esforço gigantesco e como definitivo passo para enveredarmos pelo único caminho que nos poderá conduzir a um futuro livre de apreensões é a nova política cafeeira estabelecida pelo governo, ao conceder aos cafeicultores novos e vastos recursos e ao fixar um novo funcionamento do regime de pagamento de prêmios e de compras de café nos portos. Tal política redunha em última análise em financiamento de operações destinadas à renovação e implantação da cafeicultura racional, à compra ou instalação de aparelhamento para a melhoria das qualidades do café, à aquisição de adubos, inseticidas, tratores, máquinas, implementos e veículos.

OS CAFÉS AFRICANOS

Um dos argumentos de como não é eivada de qualquer exagero essa preocupação oficial podemos encontrar é o fantasma dos cafés africanos que surge diante de nós.

O firme substancial aumento da participação dos cafés da África, segundo análise de "Conjuntura Económica", explica-se, principalmente, pela menor pressão que os seus preços — sempre bem inferiores aos dos cafés latino-americanos — exercem sobre as margens dos torradouros e, também, pela sua crescente utilização na fabricação de cafés solúveis, cujo consumo vem em constante progresso, sendo de 16% do total usado pelo povo norte-americano.

Trata-se, assim, de situação definida e definitiva com a qual se há de contar. Seria perigosa ilusão pensar que, nas condições atuais de nossa produção, teríamos a possibilidade de eliminar esses concorrentes, que produzem a baixo custo. Gozando, no caso dos produtores coloniais, de decidido

apoio dos seus governos metropolitanos, esforçam-se eles, por toda a parte, com persistência, no sentido de melhorar a qualidade dos seus cafés.

Quando se reuniram, em Lisboa, os representantes dos diferentes países produtores da África, Inglaterra, Bélgica, França, Espanha, Portugal e Etiópia — para estudar a criação de uma Associação Inter-africana do Café, os seus objetivos se definiram por esta forma:

- promover estudos de interesse geral, relativos à produção, ao acondicionamento e ao consumo dos cafés africanos;
- favorecer a troca de especialistas e de informações técnicas entre os membros da Associação;
- ampliar os escoadouros de cafés, notadamente pelo encorajamento dos esforços de propagação e publicidade empreendidos em seu favor.

COMPETIÇÃO TEMIVEL

Ressalta deste programa que os produtores da África estão determinados não só a conservar os mercados já conquistados, dos quais o mais importante e o de maior interesse é o dos Estados Unidos, mas também a ampliá-los. São eles, portanto, competidores temíveis dos nossos cafeicultores e tanto mais por desfrutarem de tratamento preferencial nos bons mercados constituídos por suas metrópoles e territórios associados.

Parece não haver dúvida que, em igualdade de condições de preço, ou com diferença sensivelmente menor que a presente, os cafés brasileiros de variedade arábica, de qualidades intrínsecas incontestavelmente superiores às de variedades "robusta", merecerão a preferência dos torradouros, em particular naqueles países que não possuem colônias. Entretanto, a apresentação dos cafés de variedade robusta, de bebida neutra, melhora cada vez mais, como resultado de campanhas educativas e também de medidas compulsórias postas em prática pelos órgãos técnicos das colônias, orientados pelos serviços correspondentes das metrópoles, ou de organismos internacionais, ou de países, como os Estados Unidos, que vêm prestando assistência técnica a outros menos desenvolvidos.

Por outro lado, o preço dos cafés da África é bem mais baixo que o dos nossos, com os quais estão a competir. Daí se conclui que só poderão eles ser enfrentados satisfatoriamente, nos mercados consumidores, em época como a atual, caracterizada pelo excesso de oferta sobre a procura, através de esforços firmes e tenazes dos nossos cafeicultores, visando, por uma parte, à melhoria do seu produto e, por outra, ao barateamento do seu custo, principalmente pelo aumento da produtividade.